

UMA ESCOLA ORIENTADA PARA A EDUCAÇÃO PARA A VIDA

Sabendo que os jovens de hoje devem estar aptos para responder a desafios que irão testar as suas capacidades de resolverem problemas, de se adaptarem a realidades em mudança, tendo, simultaneamente, uma forte veia empreendedora, o Agrupamento de Escolas de Águeda Sul adota uma política educativa direcionada para esses princípios. Quem o garante é Francisco Vitorino, Diretor do Agrupamento.

Proporcionando aos vossos jovens a melhor qualidade na sua formação, lecionada em infraestruturas renovadas que proporcionam um cómodo ambiente de estudos, no final dos seus percursos, que alunos esperam ter preparado?

A ES Marques de Castilho, sede do Agrupamento de Escolas de Águeda Sul, é uma antiga Escola Industrial e Comercial que comemorou no dia 29 de janeiro 89 anos de existência e que se orgulha de manter na sua matriz histórica fundamental uma profunda ligação ao meio em que está inserida. Tendo desempenhado um papel importantíssimo na educação e formação de várias gerações de aguedenses que viriam a estar na base do dinamismo empresarial do concelho de Águeda e da região envolvente, a ESMC, bem como o Agrupamento, procuram prestar, do ponto de vista dos princípios orientadores do serviço educativo, uma particular atenção à educação para a vida. Sabemos hoje que um dos principais desafios com que os nossos jovens se irão defrontar ao longo do seu percurso prende-se precisamente com a sua capacidade de resolver problemas, de se adaptar a uma realidade que estará em constante mudança e que muito exigirá da sua capacidade empreendedora.

Com base nos dados do Ministério da Educação e Ciência, todos os anos é publicado um ranking das escolas do ensino básico e secundário de acordo com as notas dos exames nacionais. Como tem sido a evolução do Agrupamento ao longo dos últimos anos? Que principais pontos, a seu ver, devem ser mantidos e, por outro lado, melhorados?

Muito se tem escrito e dito sobre a oportunidade, natureza e relevância da publicitação de dados pelo MEC que depois são tratados pelos órgãos de comunicação social e publicados sob a forma de rankings. Sabemos que apesar do esforço desenvolvido nos últimos anos de modo a fornecer alguns dados de contexto, a qualidade de uma



O ranking nada nos diz sobre o que é essencial para o futuro dos alunos que, sabemos, está longe de se reduzir a uma média de entrada no ensino superior



FRANCISCO VITORINO
DIRETOR DO AGRUPAMENTO

escola está longe de se traduzir por resultados obtidos nos exames nacionais. Muito embora eles possam traduzir, em parte, a qualidade e a eficácia das aprendizagens, o que é facto é que pouco nos dizem sobre a "qualidade" dos alunos e do seu contexto familiar. É por isso injusto e até talvez despropositado qualificar de boa ou má uma escola pela sua posição num ranking. Desde logo porque ele nada nos diz sobre o esforço desenvolvido pelos professores no combate ao abandono escolar por parte de alunos que, claramente, não querem estar na escola; nada nos diz sobre a qualidade da formação para a vida, para o empreendedorismo e para a capacidade de singrar no mundo do trabalho; nada nos diz sobre a qualidade da formação profissional ministrada e sobre as taxas de empregabilidade dos cursos ministrados. Enfim, o ranking nada nos diz sobre o que é essencial para o futuro dos alunos que, sabemos, está longe de se reduzir a uma média de entrada no ensino superior.

Sobre a evolução do agrupamento, devo referir que, de acordo com os dados disponibilizados, a sua posição relativa tem vindo a melhorar de forma sustentada. No ano letivo de 2014/2015, as escolas do Agrupamento subiram consideravelmente no dito ranking, sendo de destacar a ESMC que, no ensino secundário, subiu cerca de 80 lugares, tendo a média de diversas disciplinas se situado acima da média nacional.

Há oito anos que não há escolas públicas nos primeiros dez lugares, sendo que a última foi a Infanta D. Maria, de Coimbra, que, em 2007, ocupou o oitavo lugar. Na sua opinião, o que explica este "domínio" das entidades de foro privado?

Sem querer proferir juízos de valor sobre o ensino privado, relativamente ao qual nada me move, penso que não é possível, sendo até perverso, colocar a questão nesses termos. Desde logo porque a escola pública, e ainda bem que assim é, recebe todos os alunos e responde a todas as solicitações, coisa que, eventualmente, não acontecerá



em todo o ensino privado, com tudo o que daí se possa advir. De todo o modo, não partilho desta dicotomia "público/privado", pois assim como haverá com certeza excelentes escolas públicas, também haverá más escolas privadas.

De acordo com o estudo "Ranking das escolas: impacto nas escolas públicas e privadas", publicado este ano pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, o fosso entre as secundárias e públicas e privadas agravou-se e a explicação não passa pela falta de qualidade mas sim pela disparidade nos recursos disponíveis. Concorda com esta visão?

Concordo. Quando falamos de recursos disponíveis deveremos considerar também os recursos das próprias famílias que maioritariamente frequentam umas e outras. E quando falamos de recursos das famílias não nos referimos apenas aos recursos materiais, mas também às referências culturais e ao acesso à cultura e à informação nas suas diversas expressões, os/as quais não são de todo despendidos quando está em causa a (des)valorização da escola enquanto projeto de vida. Por outro lado, quando falamos de recursos das próprias escolas (humanos e materiais), sabemos bem o quanto se tem vindo a desinvestir na escola pública, facto que em nada tem contribuído para a promoção da Escola e de tudo o que ela representa em termos civilizacionais. De resto, alimentar esta dicotomia entre público e privado através da extração de conclusões (fáceis) a partir de rankings nacionais serve claramente os interesses de determinados setores da sociedade que, numa perspetiva claramente ideológica, procuram desvalorizar e diminuir a função do Estado de proporcionar a todos os cidadãos uma educação e formação de qualidade.

Escolas e empresas devem estar ligadas, criando sinergias em prol do emprego. Como é que o Agrupamento tem promovido esta sinergia?

O AEAS tem definido a sua oferta educativa em diálogo com o tecido empresarial, procurando aliar os interesses e os anseios da comunidade que serve àquelas que são as necessidades das empresas e do mercado de trabalho. Temos protocolos com mais de 150 empresas e instituições, colocando anualmente mais de 250 alunos em Formação em Contexto de Trabalho.

O Agrupamento foi um dos sete a nível nacional a ser selecionada uma candidatura ao projeto EMA – Estímulo à Melhoria das Aprendizagens, da Fundação Gulbenkian. O que importa saber acerca destes "cursos de ciências experimentais para alunos do 4º e 9º ano e do ensino secundário"?

Desde há três anos a esta parte, o Agrupamento mantém uma parceria com o Instituto de Educação e Cidadania (IEC) – Mamarrosa - Oliveira do Bairro – que muito tem contribuído para a criação e dinamização de Cursos Avançados de Ciência que procuram levar mais longe os alunos que revelam interesse e vontade de aprofundar os conhecimen-

tos adquiridos nas aulas curriculares. Trata-se de cursos avançados, de aprofundamento, com uma duração trimestral, que proporcionam a grupos de 10/12 alunos, voluntários, o contacto com as mais modernas técnicas de investigação científica.

São cursos lecionados por docentes doutorados ou mestrados que têm contribuído para desenvolver nos alunos do 9º ano, do ensino secundário, e agora também do 4º ano, o gosto pela ciência e pela investigação, fazendo-o em laboratórios devidamente equipados, quer na ESMC, quer no IEC. De resto, este conceito tem vindo a criar uma

interessante dinâmica interna que tem levado professores do Agrupamento a dinamizarem eles próprios, por sua iniciativa, fora do seu horário, cursos noutras áreas do saber. Estão a decorrer neste momento cursos avançados em "Arduíno", em Línguas e Culturas Clássicas e em Inglês. A candidatura ao Projeto EMA da Fundação Gulbenkian deu um importante impulso a esta linha de atuação, pois permitiu-nos equipar melhor os nossos laboratórios e viabilizar os recursos necessários a um trabalho de qualidade.

Que desafios se colocam para o Agrupamento de Escolas de Águeda Sul?

O Projeto Educativo em vigor vai até 2017, pelo que o pensamento estratégico que norteia o Agrupamento deverá manter-se: melhoria sustentada dos resultados escolares; combate ao abandono e insucesso escolares, consolidação de uma cultura de avaliação e de melhoria contínua; aprofundamento das relações com o tecido empresarial e com o meio envolvente. ■

